

## ***A ópera dos três vinténs***<sup>1</sup>

A exposição *Phenomena* é apresentada em três atos simultâneos, em três espaços do museu, onde em cada sala os artistas visuais Domingos Rego, Isabel Sabino e Rui Serra se contagiam mutuamente ao entrecruzar visões a propósito da matéria e dos seus limites de visibilidade, enquanto convergem num confluir de narrativas que se expandem e contaminam o pensar e o fazer artístico da contemporaneidade, numa representatividade poética transversal, mas não perdendo a individualidade de cada um. Como nos dizem os autores, “numa experiência mais alargada em que *périple*, *pro* e *polis* são, afinal, desafios da abertura perceptiva e conceptual, da fluidez fenomenológica de cada elemento do projeto e do todo.”

A construção deste tríptico plural *Phenomena* é lugar onde a pintura, o desenho, a fotografia, os objetos, o vídeo e a instalação se materializam transversalmente, numa lógica de questionamento que aborda os conceitos de Natureza, do Corpo e da Cultura. Num encontro simbólico com o real, reintegrando conceitos de forma fragmentada num campo expandido, *Phenomena* associa três exposições: *périple* de Domingos Rego, *pro* de Isabel Sabino e *polis* de Rui Serra.

A exposição de Isabel Sabino intitulada *pro*, “poderia ser o nome de uma cobaia, um corpo sujeito a ensaios cuja indefinição remete para um estado em devir, algo entre célula, carne, cinzas, pedra, água, animal e vegetal, planeta, orgânico e inorgânico, natural e artificial, letra e algarismo, memória e imaginário”, como nos diz a artista. Mas também pode ser o prefixo de prólogo, de prospeções e de prosa, objetos artísticos que compõem a exposição.

O despojamento e a simplicidade da exposição escondem a complexidade de emoções subjacentes a estes trabalhos artísticos, centrando-se numa inquietude latente de suspensão do tempo, de homogenia da impermanência. Não é uma narrativa linear de histórias de encantar: o *era uma vez* não tem aqui lugar. “O historicismo propõe a imagem ‘eterna’ do passado; o materialista histórico fá-lo acompanhar de uma experiência que é única. Deixa aos outros o papel de se entregarem, no bordel do historicismo, à prostituta chamada ‘Era uma vez’. Ele permanece senhor das suas forças, suficientemente forte para destruir o contínuo da história.”<sup>2</sup> Isabel Sabino, num ato de sobrevivência física e emocional de uma fragilidade comovedora e de uma força esmagadora, cria uma sequência vertiginosa de pensamentos que flutuam subtilmente e se transformam em

---

<sup>1</sup>Apropriação do título da peça de teatro musical do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, com música do compositor Kurt Weill (1928).

<sup>2</sup>Walter Benjamin, in: *O Anjo da História*, p. 19.

colagens projetadas no ecrã instalado na sala, em pinturas a óleo sobre espelho e objetos digitais de *SketchBooks-tablets*, dentro das gavetas.

A vídeo-instalação *G* é composta por ilustrações que partiram do texto *A Metamorfose* de Franz Kafka, colagens em formatos diferentes, algumas com fragmentos do texto. Subtilmente, dentro das gavetas encontram-se vinte e uma prospeções com referências a outros dois contos de Kafka: *Um Relatório para a Academia* e *Josephine, a Cantora, ou o Povo dos Ratos*, e pequenas pinturas sobre espelhos, pequenos apontamentos que se confundem com a nossa imagem. Estes reflexos não traduzem a realidade, mas são a própria realidade desvanecida num modelo real.

A obra *Still life*, colocada no centro da sala, vem provocar um desvio à homogeneidade e linearidade da exposição, e a sua autonomia no espaço traduz uma inquietação e alerta para os visitantes: peça em progresso. Completa o percurso um relatório em prosa paralelo à exposição.

Com estes trabalhos Isabel Sabino pretende subtilmente superar a sua angústia num ato sublime de criação artística, numa dicotomia entre a racionalidade e a emotividade. “Sentimos incerteza quando não conhecemos bem os tipos de fatores que fazem da nossa situação o que ela é; assim, não sabemos quais deles devem ser empregados e colocados em movimento para tornar a nossa situação mais agradável – ou os fatores necessários para evitar que ela piore; sentimos impotência quando aprendemos ou suspeitamos que, embora tivéssemos preparado um inventário completo de tais fatores, nos faltariam ferramentas, habilidades ou recursos para colocá-los em movimento ou para desligá-los, caso necessário.”<sup>3</sup> Esta exposição, para além da sua beleza estética e profundamente erudita, é uma lição de vida sem o querer ser.

Sofia Marçal

---

<sup>3</sup> Zygmunt Bauman, in: *Danos Colaterais – Desigualdades sociais numa era global*, p. 134.